

Salomão Rovedo



...em Blog
(2014/2015)

Rio de Janeiro
2016

2014

... em Blog

Índice

- Pequena História da Feira de São Cristóvão, pg.3
Oliveiros Litrento, pg. 7
Balões – de folclore a crime, pg. 12
Scott Fitzgerald – O grande Gatsby, pg. 16
Fernando Braga – Magma (poesia), pg. 19
A fidelidade de Argos, o cão de Ulisses, pg. 23
Derek Walcott, pg. 29
Manu Bandeira – Carnaval, pg. 33
Malba Tahan – O homem que encantava, pg. 36
Jane Austen – Persuasão, pg. 40
O múltiplo Fernando Braga, pg. 43
Duayer – As histórias do meu avô, pg. 45
Onde andaré Willy Ronis?, pg. 48
Chaplin – Uma vida, pg. 53
G. G. Márquez – Memória de mis putas tristes, pg. 64
O futuro é ontem, pg. 69
Comensais apressados, pg. 73
Machado de Assis vs. Lima Barreto, pg. 76
Luar sobre Panacoatyra, pg. 81
Brasil abaixo de zero!, pg. 85
Índio não quer apito, quer demarcação, pg. 88
Clamor insano contra as “indenizações”, pg. 94
50 anos de ditadura musical, pg. 98

Pequena história da Feira de São Cristóvão



*É a feira nordestina
Que é tradicional
Desde quarenta e cinco
Do nosso século atual
Que funciona essa feira
Ali naquele local.*

Apolônio Alves dos Santos no folheto “A feira dos nordestinos no Campo de São Cristóvão-RJ”, aparece como o primeiro poeta de cordel a historiar as origens daquele famoso reduto de poetas e cantadores no Leste do país, mesmo quando confrontada com os pontos de encontro de nordestinos e nortistas na Praça da República em São Paulo. Muitos outros poetas de cordel e *folheteiros* escreverem sobre o tema, nenhum com tanta fidelidade e felicidade como Apolônio, que residiu e viveu toda a passagem pelo Rio de Janeiro na Barreira do Vasco, sub bairro de São Cristóvão, ao lado do Estádio de São Januário, do Vasco da Gama.

Na década de 1940 o Campo de São Cristóvão (ou Praia de São Cristóvão, como o local era mais conhecido), abrigava a quase totalidade das agências de transporte de carga e passageiros entre o Nordeste e o Rio de Janeiro. Mesmo os veículos – caminhões e ônibus – em trânsito para São Paulo faziam ali uma parada intermediária, pois sempre havia algum passageiro ou alguma carga em trânsito. Era, portanto, muito grande o vai e vem de emigrantes, recém-chegados, em trânsito, de carga e de bagagem, que descarregavam a todo instante, as encomendas ansiosamente

esperadas, as remessas monetárias, feitas em confiança, que seguiam como pequeno adjutório aos que ficaram lá na terra distante. Muitos passageiros também se arrumavam nos caminhões de carga, que acabavam por se transformar em transporte misto.

Felizardos entre a grande maioria eram os que chegavam de férias, viajantes de momento, que estavam apenas a cumprir visita, depois de longos anos, ou participar da despedida final de parentes recém-falecidos ou recém-nascidos, realizar os sonhos amorosos até para dirimir alguma querela familiar, para o quê sua presença era indispensável. O trocador de ônibus e bom poeta nas horas vagas, Cícero Vieira da Silva (Mocó) tem um folheto em que narra com felicidade a odisseia do nordestino. A chegada no sudeste é quase sempre assim:

*No Campo de São Cristóvão
O pobre desce do carro
E segue de rua a fora
Sem ter no bolso um cigarro
Com a maleta na Mao
E a roupa da cor do barro.*

*E segue desconfiado
Como um pássaro que não voa
E sai olhando pra ver
Se avista uma pessoa
Que lhe conhece do norte
Não encontra, fica à toa.*

Cícero Vieira da Silva (Mocó) - “Os martírios do nortista viajando para o sul”

A movimentação no Campo de São Cristóvão era mais pronunciada justamente aos domingos, dia de chegada de vários ônibus e caminhões vindos das mais distantes regiões, empoeirados, pneus sujos de barro, trazendo como carga uma população até então estranha aos olhos do carioca. Esse deslocamento para o Campo de São Cristóvão oficial dos veículos vindos do Nordeste era o registro

de uma das primeiras manifestações de discriminação ao *paraíba* e ao *pau-de-arara*, que se tornou proverbial não só naqueles dias remotos, mas atravessou os tempos e sobrevive ainda hoje. Eles eram os indesejáveis, expulsos do sertão pela “indústria da seca”, tocado para fora de suas terras, vencidos pela dificuldade de sobrevivência diante dos muitos percalços inventados pelos senhores feudais. Essa perseguição que vem desde os tempos das sesmarias, causou o êxodo dessa população itinerante, que chegava para criar e povoar as favelas do sudeste. Recorro mais uma vez ao poeta Apolônio Alves dos Santos, que registra em seu folheto, já citado:

*Porque todos nordestinos
Todos domingos seguiam
Pro Campo de São Cristóvão
E ali se reuniam
Mesmo sem haver a feira
Era aonde apareciam.*

Centenas de pessoas de origem nordestina para ali se dirigiam em busca de conhecidos, parentes distantes, de alguma pessoa recomendada, para saber notícias da terra ou encomendar coisas e pessoas de alguém que lhe fora confiado. Todos sabemos que, para quem chega em busca de trabalho e estudo, a aventura dos primeiros dias são os mais difíceis, mas o conterrâneo que o recebe não o deixa na mão, chega com o apoio, o ânimo, divide o pouco que tem irmãmente. Aquele fluxo intermitente de pessoas acabava por se constituir num agradável encontro de gente que tinham algo em comum, mas que a vida agitada da metrópole torna difícil o convívio diário e os mantém afastados entre si.

Mas esse encontro semanal trazia também a conveniência de provocar novas amizades, nascidas de uma conversa informal, isso porque em algum momento se descobriria que algo em comum viria a unir duas ou mais pessoas. Permanecendo essa população em trânsito ali, durante horas a fio, na expectativa da chegada de um ônibus ou caminhão, cujo atraso era histórico, também resultava

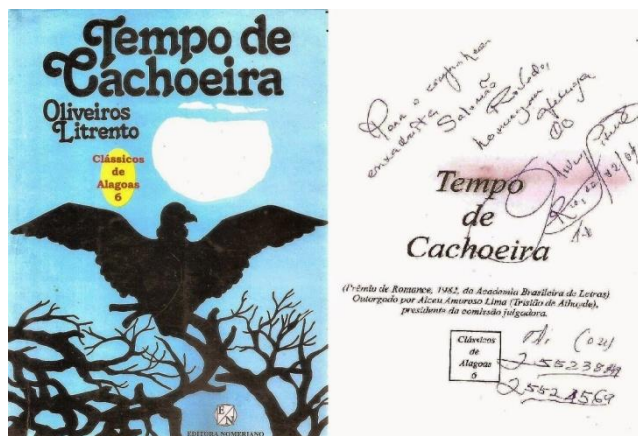
que provocasse o nascimento de um comércio ambulante. Logo apareceram vendedores de comidas e lanches com sabores típicos do nordeste, o folheteiro com sua velha mala aberta no chão, o violeiro, o cantador, o repentista...

Essa reunião semanal aguçou a veia, meio satírica, meio discriminatória, do carioca, que apelidou depreciativamente o Campo de São Cristóvão de “Aeroporto dos Nordestinos”.

Na verdade as autoridades desviaram a chegada dos nordestinos para São Cristóvão para não macular a formosa Rodoviária Estadual – Terminal Rodoviário Mariano Procópio – inaugurado em 1950 na Praça Mauá. Pura discriminação.

19/12/2014

Oliveiros Litrento



Romance - Prêmio da ABL 1982
 Editora Numeriano - Maceió, AL - 2004

Conheci Oliveiros Litrento no Clube de Xadrez Guanabara, onde, é claro, a conversa raramente ultrapassava os limites dos tabuleiros e partidas. Muitos parceiros de jogo eram assim: maestros, militares, matemáticos, engenheiros, músicos, gente de toda classe frequentava o CXG – jogadores de xadrez também! Litrento foi o melhor dos companheiros: fala macia, sempre sorrindo, apaixonado por xadrez. Mas quando a conversa pulava a cerca além do jogo, a prosa fluía mansa e firme, cheia de conhecimento. Desviamos uma conversa ao acaso para literatura, pois no dia seguinte ele me presenteou com “Tempo de Cachoeira”, romance de sua terra natal - Alagoas.

“Don’Ana, educada, falando com aquela deferência desembaraçada em movimentos, a arrastar o vestido comprido de punhos bordados, cabelos negros e longos, cuidadosamente enrodilhados em cocó, a filha mais velha do Coronel Chiquinho era tão bela como um passarinho de sua infância. Flores derramadas no caminho. Brancas. Vermelhas. Roxas. Uma senhora de engenho, casada, cujas belas feições guardara, parecia ter quase o mesmo rosto da namorada. O roçar do vestido, aproximando-se, fazia com que baixasse a vista, como se estivesse face a face com o andor de Nossa Senhora da Conceição. De olhos fechados, voltava aos passeios alegres da meninice”.

Interessado em conhecê-lo melhor fui descobrindo uma obra gigante nas letras nacionais. Então aquele Oliveiros Litrento, jogador de xadrez a quem comove as belas jogadas, simples em gesto, fala e aparência, trazia a reboque importante carga de conhecimento, que, alegre e feliz, dividia com alunos, leitores e amigos, pois era professor de Direito Político e Internacional na UFRJ, Gama Filho e UERJ, de Direito Constitucional Penal Militar Internacional na AMAN, Perito e Doutor em Direito Internacional pela ONU. Tempo de Cachoeira é um romance que fala desse outro Oliveiros Litrento, de inspiração cuja utopia vira sonho e o sonho vira utopia:

“Era Don’Ana o sol esquentando o rio, a chuva que gerava o canavial do engenho, a alegria da safra, o gosto de açúcar mascavo, a moça das toadas nostálgicas, com formosura de princesa, que os cegos cantavam nos abecês de feira e os almocreves repetiam, tangendo bestas, em longas e carregadas viagens, cansativas e solitárias. Cantigas de gajeiro. Cavalhada. Canavial gemendo. Fragmentos da Nau Catarineta. Os samburás com aguardente batendo. Argueiro no olho da poeira dos caminhos. A toalha leve, que se alongava na mesa, toda serpenteada de riscos azuis, lembrava o mar, que não conhecia, trazendo ruas daquele rio de janeiro, belo, misterioso e distante. E a moça quase não sorria. Mas o que dissesse era agradável de ser ouvido”.

Na literatura, área de meu interesse, meu parceiro de xadrez foi laureado com os Prêmios Sílvio Romero, Olavo Bilac, Jorge de Lima, Paula Brito, Orlando Dantas e Silvio Romero, Oliveiros Litrento integrou o Conselho Superior do IAB, a Academia de Letras do Rio de Janeiro, de Alagoas e a Federação das Academias de Letras do Brasil. Oliveiros Litrento (São Luis de Quitunde, AL-1923 - Rio de Janeiro - 2006), no romance Tempo de Cachoeira fala de sua terra, de suas memórias, mas relata em especial aspectos de todo o Nordeste:

“Maria Rita, agora, era apenas uma sombra. Não voltaria mais. Tinha as pálpebras fechadas de sono. A longa cabeleira negra vinha do

mar e o corpo era denso de noite. Resgatado às origens. Os olhos da adolescente subiram aos céus e piscam agora como estrelas distantes, guardando com ternura as águas que caem fragorosamente dos despenhadeiros selvagens de Cachoeira. Era como se magicamente tivesse regressado à infância para viver de novo na plumagem dos pássaros coloridos, no ruído leve das folhas acordadas pela madrugada, nas jangadas da manhã nascente, deixando de leve a praia de Pajuçara”.

Que grande amigo eu tive! Amigo no tabuleiro, quando dividíamos comentários sobre os lances de uma partida de xadrez, escritor e poeta inspirado, Litrento escreveu em poesia: O soneto e a fábula; O leopardo azul; O astronauta marinho; 100 sonetos de amor; Orfeu e a Ninfa; Inquietação de Narciso. Em prosa: Pajuçara (novela); O cego e o mar (contos); Tempo de Cachoeira (romance); O dorso da pantera (romance). Deixou escritos de crítica literária, ensaios, literatura brasileira, história, além de estudos didáticos na área de direito internacional. O talento do meu parceiro de xadrez ficou claro quando li e reli esse romance maravilhoso:

“Constatado o vazio da clareira, as árvores da mata, aturdidadas e silenciosas, pareciam gigantes pesarosos, recusando a humilhação da ausência. Sugerindo que tudo não passava de uma brincadeira de mau gosto, pesada, mas efêmera. Tendo a imaginação tocada pelo delírio, Teodorico apeou-se, amarrando o cavalo solitário e foi encostar a cabeça no tronco daquela mesma árvore que havia abrigado o primeiro amor de sua juventude. E olhando para o chão de folhas, que já não era o mesmo, sentiu-se irrequieto com o espírito vagamente confuso”.

A mesma mesa do Clube de Xadrez Guanabara em que disputávamos com ardor partidas rápidas amistosas, servia de palco para a conversa informal, mais intimista, direito que os amigos chegados possuem. Numa dessas conversas, Oliveiros Litrento comentou que já tinha concorrido a imortal na Academia Brasileira de Letras por várias vezes. Apesar de ter conseguido mais dez votos ele jamais foi eleito, mas continuava disposto a tentar alcançar esse sonho impossível. Mesmo tendo vários amigos na ABL e sendo rico

em saber, Oliveiros Litrento não era milionário, senão da palavra. Para a ABL vale mais a riqueza do ouro, do que o ouro da palavra:

“Era como se, no escuro, tivesse apagado o último fósforo, como se estivesse descendo as escadas de um subterrâneo com a atemorizante impressão de que pisava um chão de catacumbas. E naquelas formas impuras e incontroladas da existência, exalando vapores asfixiantes de cavernas, retornou vertiginosamente à vida através das águas claras de um mar de esmeraldas”.

Litrento, dono de diplomas de várias entidades e academias, não realizou o sonho de entrar na ABL e eu não tive coragem para acordá-lo do que me parecia uma insensatez. Não tem como libertar o sonhador do sonho, só a morte pode fazê-lo. Quem seria eu, pobre mortal, para escurecer seus olhos verdes? Seria amigo se tentasse acordar os sentidos para uma realidade que matou já outros devaneadores? Ainda bem que em distante refúgio Oliveiros Litrento encontraria encanto e alento para tamanha frustração – tanto nas partidas de xadrez que jogava, quanto nas maravilhosas páginas que escrevia, extravasava inspiração, estro e entusiasmo criador:

“Aquele instante, de expectativa e silêncio, era simultaneamente deslumbrante e sombrio. Havia um frescor de madrugada como se vovô Medeiros, Don’Ana e Maria Rita, todos estivessem apenas dormindo. Mergulhados em dias transparentes, que lembravam as conchas róseas e amigas de Pajuçara. Como voltando daqueles dias verdes. Assim, o homem grisalho intuiu que a morte era tão somente uma passagem, uma ponte para o outro lado do tempo”.

Jogar xadrez é um delírio, tanto quanto o sonho, a utopia – debruçar-se entretido entre peças, perpetrando jogadas, realizando combinações, é o mesmo que sonhar com um Brasil melhor, com amar Maria Rita, dona do romance na imaginação do escritor. Tenho certeza que Oliveiros Litrento – o próprio – caminhou dentro das entrelinhas de Tempo de Cachoeira, romance que parece degraus de sua primeira existência, cheia de experiência e

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

